



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

ANDANÇAS DE SETEMBRO (I)¹

Lindanor Celina

Ora muito bem, eis-me aqui, depois de algumas andanças, a bater com vocês, caros e fiéis leitores, o nosso costumeiro “papo”. Assunto é o que não falta, assim espero. Uma viagem, nem que seja para ir ali, à Icoaraci, deixa sempre o que contar, dependendo dos olhos e das “antenas que tivermos”.

Assim, para começo de conversa, falarei daquele amanhecer de domingo, 12 de setembro, em que, nas asas suaves e possantes de um pássaro da Cruzeiro do Sul, daqui saí rumo ao Rio. Ao que ía? Aí, queridos, gente que tem nas veias sangue cigano e andejo com o meu, precisa lá de desculpa para arribar de vez em quando? Mas se querem mesmo um motivo, darei, darei mesmo dois. Saúde e Literatura. Pois de ambos cuidei, nesses quinze dias.

Não vou-me por aqui a descrever uma viagem ao Rio, isso seria uma chatura... Só sei que ia triste (faço dessas arrancadas toda vida, mas nem por isso sinto menos saudade dos meninos). Ia pois sozinha e saudosa, duas condições mais que propicias à melancolia. E como tenho a “pia” perto demais, umas lágrimas teimosas persistiam em me acompanhar, nesses primeiros momento de voo matinal. Mas resolvi reagir, afinal se viajava era porque queria, então por que esse choro besta? Abri os olhos, ergui a cabeça num desafio, e dei com uns galinhos coloridos (a decoração do aviões da Cruzeiro do

¹ CELINA, Lindanor. **ANDANÇAS DE SETEMBRO (I)** in Coluna Minarete: Jornal A Folha do Norte, 6 de outubro de 1960, Belém-Pará.
Acervo de pesquisa de Márcia Daniele Lobato.

Sul tem não sei porque uns galos de campina). O galo me olhava atrevido, como se dissesse: “Então dona moça, esta aí toda jururu, ein? Quem foi que inventou essa viagem, fui eu? Não fui, não? Pois então saiba que é de manhã cedo, que está na minha hora de cantar, e não quero ver caras malacafentas diante de mim” . então eu sorri pro galo e resolvi aceitar-lhe a arenga. Agarrei resoluto o livro daquela menina de Manaus uma bichinha que aos quatorze teve o topete de escrever um romance (La Dix-neuvième Feuille) todinho em francês, e lá me fui com ela, por esses mundos encantados da ficção. Com pouco a tristeza era mal a mal uma presença tênue e frágil. Passaram Carolina, Indianópolis, saltei, almocei e quase nem dei por isso, andava por outros mundos, com a menina amazonense. Mas logo acabei o livro (que é folego curto) e a tristeza botou de novo o olho comprido para o meu lado. Que fazer para enxotá-la de vez? Foi quando me lembrei com uma pontinha de remorso, de Madre Carvalho; que me pedira e a quem eu prometera, um “script” para uma festa no Colégio, compromisso que rompera na véspera, por ter antecipado a viagem, mas que nem por isso me deixara sossegada. (Essas freiras têm um jeitinho especial para pedir essas coisas, que nos sentimos a bem dizer obrigadas para com elas, e é quase uma traição quando a desapontamos). Pois sabem o que fiz, naquelas alturas? Agarrei a caneta e tudo quanto foi pedaço de papel que pude conseguir (até um funcionário de bordo me emprestou uns formulários inutilizados), e tome escrita. E nessa agonia (uma agonia gostosa só conhecidas dos que têm o fado de escrever), levei até quase chegar no Rio. O aeromoço passava para lá e para cá, oferecia-me lanches e refrescos, eu ingeria tudo abuílo sem nem dar fé. Até que um deles, penso que era o comissário, passou e repassou diante de mim, curioso, e vendo tanto escrever por horas e horas, não se conteve: “Dona, diga-me uma coisa ainda que por mal pergunte, a senhora é escritora?”...